

A ternura: o entrelaçamento da moral e da ética

Regina Pereira Klarmann¹, Porto Alegre

O artigo faz uma revisão na obra de Freud para compreender a constituição da moral e da ética no psiquismo humano. Refere conceitos como narcisismo, destrutividade e alteridade, integrantes na formação do processo da moral e da ética. Destaca e desenvolve alguns aspectos do sentimento de ternura, um conceito freudiano, tanto no entrelaçamento quanto na complementariedade da moral e da ética.

Palavras-chaves: Moral; Ética; Ternura; Psicanálise; Freud

¹ Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Regina Pereira Klarmann

Introdução

A partir de uma situação clínica vivida com um paciente que passou a ser investigado, denunciado e acusado de participar de uma organização fraudulenta, tive dúvidas se deveria seguir o processo analítico. Muitas questões que, naquele momento, impregnavam o *setting*, levaram-me a pensar sobre a ética.

Esse foi o ponto de partida do presente artigo, desafiando-me a estudar sobre a ética, momento em que, inevitavelmente, deparei-me com o termo “moral” e com a dificuldade de distingui-los.

Com o objetivo de dar conta da amplitude dos conceitos de ética e moral, busquei na filosofia sua compreensão, não encontrando, contudo, um consenso entre os autores pesquisados. Na obra de Freud, não achei uma conceituação, e nem uma diferenciação entre ética e moral, apesar da referência ao tema feita por ele em vários trabalhos. Durante a procura de tais concepções, deparei-me também com o conceito de *ternura*, o que me suscitou algumas ideias. Seria possível que o sentimento terno pudesse fazer um cruzamento com a formação da ética e da moral? Percebi que estes elementos fazem parte do psiquismo do homem, muitas vezes complementando-se e entrelaçando-se, mas também em conflito um com o outro. A partir daí, compreendi que o significado da *alteridade* torna-se necessário para a discussão desses conceitos.

Menciono, também, alguns conceitos fundamentais, como *desamparo*, *narcisismo* e *destrutividade*, os quais estão implicados de modo determinante na construção da moral e da ética.

Amparada por este percurso, dediquei-me aos objetivos iniciais: compreender como a ética e a moral constituem-se na formação do psiquismo humano, conforme o postulado por Freud.

Origem e significado dos termos: moral e ética

Segundo Barros Filho (2013), moral deriva do latim *mores*, relativo aos costumes, enquanto ética (*êthos*) significa aquilo que gera uma ação genuinamente humana. A falta de concordância que encontramos entre os termos *moral* e ética aparece desde a etimologia da palavra moral, a qual tem origem na tentativa dos romanos de traduzir a palavra grega *êthica*. No entanto, a palavra romana moral não traduz por completo a palavra grega originária. *Êthica* possuía, para os gregos, dois sentidos complementares: o primeiro deriva do *Êthos*, e significava o que brota

de dentro do sujeito moral, remetendo-nos para o âmago do agir, para a intenção. Por outro lado, *ética* significava também *Éthos*, relacionando-se à questão de regras, o que se materializa na assimilação social dos valores.

O mesmo autor sugere definir a moral como a escolha com liberdade, de como devemos agir a partir de um conjunto de princípios que nos obrigamos a respeitar. Temos a prerrogativa de determinarmos os rumos de nossa vida, através do que os gregos chamavam de *logos*, que é a capacidade de pensar. Quando pensamos sobre nossas ações, estamos no campo da moral. Já a ética é a arte da convivência, resultado de um esforço coletivo para chegar à conclusão de como queremos viver. É o conjunto de valores que julgamos mais adequados para nos guiar em direção à melhor maneira de viver. A moral está no âmbito do indivíduo, e a ética assume dimensão coletiva.

Mijolla (2005) afirma que a noção de ética em Freud conduz aos ideais *morais*. Aponta que a palavra em alemão *Ethik* foi traduzida, na língua francesa, para a palavra *moral*. Laplanche, Garcia-Roza e Mijolla apontam para o problema de tradução da obra de Freud. Em alguns momentos, Freud refere-se à ética como a moral, como uma ordem a ser alcançada pelo Supra-Eu. Em outros, a ética é descrita por Freud (1939/1989I) como uma relação do Eu com os outros, com a sociedade. Em relação à moral, Freud parece associá-la ao recalque, ao impedimento construído pelas regras que seriam internalizadas pelo Supra-Eu.

A busca para o estabelecimento da moral, na obra de Freud

Na tentativa de buscar a compreensão e a formação da moral na obra freudiana, revisei alguns conceitos fundantes do psiquismo.

O desamparo primordial é a origem de todas as razões morais (Freud, 1950 [1895]/1989a). Junto com o narcisismo, ele estrutura o desenvolvimento psíquico que, através da presença e do investimento do outro, propicia o surgimento do amor e promove identificações. Esse processo leva à constituição do Eu e do Supra-Eu, que é o guardião da moral. Freud reflete sobre a fundação da moral desde o início da sua obra, relacionando-a ao recalque.

Em um momento inicial, a criança necessita de provas do amor dos pais, ao mesmo tempo que eles servem como obstáculo para a realização dos desejos edipianos. No final da infância, ocorre a internalização de normas da moralidade através do complexo de castração e da dessexualização da conflitiva edípica, possibilitando que os impulsos altruístas e a moralidade sejam instalados. A partir deste período, os aspectos egoístas ficam inibidos.

Regina Pereira Klarmann

Assim, o Supra-Eu assume a responsabilidade pela moral. A partir disso, a criança conserva as características essenciais dos pais: a severidade e a tendência para exercer o controle e punir, bem como a capacidade do bom humor. É o Supra-Eu que age sobre o Eu, estimulando a função de recalque e tornando-se um modelo a ser seguido pelos esforços do Eu, em quem está depositada a influência tanto do passado quanto da tradição.

A expectativa é de que a moral possa tornar-se mais protetora através do estabelecimento de um juízo, não mais tão retaliativo. Na medida em que é o representante do mundo externo, o Supra-Eu opõe-se ao mundo interno, uma vez que esse se abastece no Id. É nesse momento que ocorre o período de latência e, assim, institui-se a vida sexual bifásica do homem.

O sentimento de culpa, originário das fantasias incestuosas, merece ser ressaltado na constituição da moral. Freud (1924/2007b) relaciona o valor do sofrimento causado pela culpa com a tendência masoquista. Por um lado, derivado de sua origem na pulsão de morte, há um risco deste sentimento não ser direcionado para fora, sob a forma de pulsão de destruição. Por outro, o masoquismo moral também representa um componente erótico, pois, mesmo em um processo autodestrutivo, não falta ao sujeito a satisfação libidinal.

Contudo, há alguns caminhos sinuosos que dizem respeito à formação do Supra-Eu e, conseqüentemente, da moral. Destaco o Ideal do Eu, que é o precipitado da antiga imagem dos pais, os quais revelam a admiração pela perfeição que a criança, então, lhes atribuía. O Supra-Eu é o condutor deste Ideal do Eu, pelo qual o Eu se avalia, fazendo com que cumpra uma exigência sempre maior, uma busca pela perfeição. Lembremos que o Ideal do Eu está atravessado pela castração. A síntese de sua função é a capacidade de apreender psicologicamente aquilo que está relacionado com o aspecto mais elevado da vida do homem, implicando na tolerância à frustração em relação ao vir a ser (Freud, 1923/2007a).

A latência surge como consequência das barreiras para a passagem da pulsão sexual através dos diques, como a vergonha, a moral e o asco. É nesse período que o indivíduo volta-se para as realizações culturais, ou seja, é um período voltado para as sublimações (Freud, 1923/2007a).

Com a instauração da moral, na latência, transcorre *pari passu* o desenvolvimento do pensar. Freud (1950 [1895]/1989a) expõe que o interesse inicial em alcançar a satisfação depende do processo do juízo e do pensar. Cabe ao Eu, a partir da força impulsora do desejo, estabelecer, através do julgar, a diferença entre a percepção da lembrança e a percepção do objeto externo. Quando houver um desencontro entre essas duas percepções, o sujeito deve inibir a descarga; caso contrário, a situação será desprazerosa. Diante da constatação do desencontro

perceptivo, o sujeito começa a pensar para atingir a almejada identidade de percepção, agora via identidade de pensamento. Assim, o Eu inibe a descarga e, concomitantemente, trabalha para viabilizá-la, porém por outros caminhos. O juízo é “uma avaliação que o Eu faz de si mesmo” (Freud, 1914/2004, p. 112), ou seja, é o propulsor do recalque. Essa função do Eu incrementa-se na latência, sendo característica do funcionamento do princípio da realidade, bem como da função intelectual do pensar.

Debatendo o texto *A negativa* de Freud (1925/2007c), Hyppolite (1998) aborda a temática do pensamento. O autor define o *não* como uma condição para se pensar o que somos a partir do que não somos. Ele contesta: “Eis o que não sou” (p. 895). Quando se instaura a negativa, surge, então, o pensar judicativo, que, por sua vez, consiste em um movimento em espiral que contorna dialeticamente o não ser para o encontro com o ser. Freud (1925/2007c) refere-se ao julgamento como a *coisa* possuir ou não certa característica, para depois vir a confirmar ou refutar se sua representação psíquica existe na realidade ou não. A qualidade dessa *coisa* “pode ser boa ou má, útil ou danosa” (p. 148), mas, além de ser boa, ela só será útil se, de fato, existir na realidade. Baseado na compreensão da metapsicologia, o *não* impede a livre satisfação da demanda pulsional. Por um lado, ele consiste em um corte que permite a contenção, e, por outro, consiste na possibilidade de uma vicissitude de Eros, que é o pensar.

Dessa forma, ocorre uma separação entre o intelectual e o afetivo. Na origem da afirmação, está a união e, na negativa, encontra-se a expulsão, o que remete para a polaridade pulsional. A união está para Eros, assim como a negativa está para a pulsão de destruição. Essa pulsão possibilita o surgimento do pensar e, assim, optar por uma ação. Contudo, o pensar é decorrente do jogo pulsional entre Eros, que liga, e a pulsão de morte que desliga (Freud, 1925/2007c).

Ao repassar as ideias de Freud sobre a formação da moral, parece que o ponto de partida está no desamparo; isto é, para a vida crescer, o ser humano necessita da entrada do outro. É o outro que traz a noção de interdito, o limite do *meu*, do diferente de *mim*, pois aí está contido o *não*, o que há na realidade. Este outro, implicado em fundar o Eu, tem a função de criar contornos propulsores que possibilitam a diferenciação entre o Eu e o não-Eu, embrião da alteridade.

A busca do estabelecimento da ética, na obra de Freud

Ao estabelecer, conceitualmente, o narcisismo inerente ao humano e a necessidade de inseri-lo no desenvolvimento, é possível dizer que Freud prevê a

Regina Pereira Klarmann

dificuldade em reconhecer o outro e aceitar as diferenças – ou seja, a dificuldade de estabelecer relações com a alteridade. No entanto, ele acredita que o narcisismo, ao ser complexizado, conduz a um novo tempo: o da rivalização com os pais.

Quando a conflitiva edípica consegue atingir esse desfecho a contento, a ternura surge como um sentimento capaz de manter e sustentar os vínculos primários. Como a moral, nessa ocasião, já está internalizada, sugiro que alteridade e ternura sejam elementos integrantes da ética, enquanto o domínio da destrutividade será justamente o obstáculo.

A teoria freudiana foi a primeira a apresentar a noção de alteridade, ao afirmar que o objeto tem a conotação do outro.

Alguns autores, como Mijolla (2005), debatem o tema da alteridade ressaltando a verdadeira relação com outrem, na perspectiva de superação dos estágios iniciais do narcisismo. Laplanche (1992) destaca a alteridade para consigo mesmo, implicada *no/pelo* inconsciente do adulto, ou seja, inconsciente desconhecido de nós mesmos, elemento para construção da subjetividade humana. Green (2010) propõe que a noção da alteridade é essencial para o trabalho do psíquico, exigindo representação e relação. A pulsão submete o Eu e procura a ligação com o objeto, como seu complemento.

Dessa forma, constitui-se uma relação dialética de complementariedade e, ao mesmo tempo, de oposição entre a pulsão e o objeto. São as falhas de adaptação às demandas da pulsão que levam o sujeito a ter consciência da existência da exterioridade do objeto. Paradoxalmente, o objeto externo é o responsável por despertar a pulsão e revelar suas demandas, mas é a pulsão ativada que exige que o objeto responda.

Assim, podemos entender as dualidades do humano. O encontro com o outro seria a possibilidade de reconhecer o diferente, bem como a premissa fundamental para a instauração da ética. O Supra-Eu gerado pelo Eu e em conjunção com a cultura, responsável pelas relações entre os homens, estabeleceu seus ideais e suas exigências, originando o reconhecimento da alteridade e da ética.

Por sua vez, a pulsão destrutiva segue o caminho oposto, pois a hostilidade de uns contra os outros opõe-se à civilização e à união. Freud (1930/1989i), no *Mal-estar na civilização*, passa a admitir que a destrutividade é algo inerente à vida humana, bem como confirma a sua ideia sobre a autonomia da pulsão de morte. Nenhuma pulsão é mais essencial que a outra, pois é na confluência de ambas que surge os fenômenos da vida (Freud, 1932/1989k). Assim, a destrutividade tem duplo aspecto, pois, se por um lado é o que impede a ligação, por outro também é o que funda as origens do psíquico, na medida em que o psiquismo é investido

por Eros, perpetuando o jogo vital de atração e repulsa que acomoda e desacomoda a vida psíquica.

Neste sentido é que a ternura pode ser o resultado da inibição da pulsão sexual e, quem sabe, uma espécie de par dialético com a destrutividade.

No *Vocabulário da psicanálise*, Laplanche e Pontalis (1976) definem ternura conforme Freud:

(...) este termo designa, por oposição à sensualidade, uma atitude para com outrem que reproduz a primeira modalidade de relação amorosa da criança, em que o prazer sexual não é encontrado independentemente, mas sempre apoiado na satisfação das pulsões de autoconservação”. (p. 655)

Laplanche (2015) retoma a noção de ternura de Freud, segundo a primeira teoria das pulsões, que é o agarramento, a necessidade de contato e o aninhamento, além da busca por calor, elementos que estão incluídos nas relações iniciais entre mãe e bebê.

A palavra *Zärtlichkeit* (Hanns, 2004) foi traduzida em português como ternura a partir da 2ª edição da obra de Freud. Da mesma forma, os autores fazem referências à palavra ternura em outras línguas: no alemão é *Zärtlichkeit*; em francês, *tendresse*; em inglês, *tenderness*.

A ternura decorre da compreensão da referência feita por Freud à resolução do complexo de Édipo, quando este sentimento passa a ser o que o filho sente pelos pais, e apoia a escolha de objeto, que começa a se dar nesse período.

Para que se compreenda a construção do conceito de ética, penso que é preciso sublinhar a importância e a relação do sentimento de ternura, conforme abordado por Freud (1905/1989c) em seu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

Mas a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais. (...) Se a mãe compreendesse melhor a suma importância das pulsões para a vida anímica como um todo, para todas as realizações éticas e psíquicas, ela se pouparia de autorrecriminações. (p. 210)

Quando a mãe ensina o filho a amar, está somente cumprindo sua tarefa; afinal, prossegue Freud (1905/1989c), “ele [o bebê] deve transformar-se em um ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão”

Regina Pereira Klarmann

(p. 210). Entendo que a mãe, em virtude da própria alteridade, está em condições de libidinizar seu bebê. Com terno cuidado materno, estará se oferecendo como modelo de ternura e, assim, propiciando condições para ele introjetar tais sentimentos.

Ainda no *Três ensaios*, o autor destaca o valor da amamentação, relacionando-o com os sentimentos de ternura da mãe para com seu bebê. Indica este vínculo como uma condição importante para a preparação da escolha de objeto. Freud (1905/1989c) afirma: “(...) para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 209). Em 1940, Freud revê a questão da amamentação no seio materno. Destaca a capacidade de ternura da mãe ao alimentar e cuidar do seu bebê.

É na latência que a criança revela o que introjetou dos sentimentos amorosos de outras pessoas que a ajudaram em seu desamparo, bem como a identificação com o Supra-Eu de seus pais. A moral e outros diques produzem, por intermédio da formação reativa, inibições das atividades sexuais. Há a dessexualização das relações de objeto, possibilitando o emergir da corrente da ternura como um dos destinos dos desejos sexuais recalçados. Essa corrente esconde antigas aspirações sexuais que, neste momento, encontram-se sem tal função. Freud (1905/1989c) destaca, portanto, que a ternura se instala “(...) em consequência do recalçamento (...). Seus alvos sexuais foram amenizados e agora representam o que se pode descrever como a corrente de ternura da vida sexual” (p. 188).

Em outros textos, Freud (1908/1989d, 1910/1989e, 1912/1979) destaca o papel do sentimento de ternura no desenvolvimento psicosssexual. Porém, no texto *A psicologia do amor II*, Freud (1912/1979) concebe a ternura um pouco diferente do que era apresentada até então, considerando a corrente terna a mais antiga. Ela procede da primeira infância; formou-se a partir dos interesses da pulsão de autoconservação, dirigindo-se às pessoas que a cuidam. Com a chegada da puberdade, o jovem deve renunciar aos objetos infantis e, através da identificação, recomeçar com uma corrente sensual dirigida a outros objetos. As mudanças acontecidas nesse período levam a uma configuração definitiva. E segue o autor: “*El varón dejará a su padre y a su madre (...) y se allegará a su mujer; así quedan conjugadas ternura y sensualidad*”²⁻³ (Freud, 1912/1979, p. 174). Em outro texto, *Tótem y Tabú*, Freud (1913/2008) afirma: “(...) *de la ternura dominante existe una*

² Escolhi deixar em espanhol, conforme a obra consultada da editora Amorrortu, já que, em alguns textos da obra na língua portuguesa, o termo afeto não foi atualizado para ternura. Segundo o dicionário Houaiss (2001), afeto brando é um sinônimo de ternura.

³ N.R.: “O homem deixará pai e mãe (...) e se apegará à mulher; assim ternura e sensualidade se conjugam”. Tradução de Jayme Salomão (1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

corriente contraria, pero inconsciente, de hostilidad (...)”⁴ (p. 55).

Freud (1921/1989g) retoma a noção de ternura descrita no *Três ensaios*, no sentido de que o sentimento terno é um derivado do recalque da sexualidade. Destaca que o ingrediente da ternura é responsável pela persistência do sentimento de amor, além da sensualidade. Sustenta que a investigação analítica dos resíduos da infância, a partir da observação direta, “não deixa dúvidas quanto à completa fusão de sentimentos ternos e ciumentos e de intenções sexuais, mostrando-nos de que maneira fundamental a criança faz da pessoa que ama o objeto de todas as suas tendências sexuais, ainda não corretamente centradas” (p. 173). A pessoa amada, conclui Freud (1921/1989g), é objeto das aspirações sexuais e, quando as duas correntes se unem, existe uma confluência de afetos. Há a renúncia da configuração amorosa edípica do sujeito, ao passo que as aspirações sexuais ficam recalçadas e inconscientes, só restando, em relação aos primeiros objetos de amor, laços de ternura.

A partir da compreensão de Freud do complexo de Édipo, Green (1988) explica que, neste período, a ternura e a hostilidade se confrontam. Porém, há uma relativa independência entre as relações de ternura – ou de hostilidade – e a organização fálica, sob a égide da qual o Édipo se coloca. Afirma: “A relação de ternura pelo progenitor aparecerá ligada à relação de sensualidade, censurada pela ameaça de castração” (p. 111).

Observamos que, a partir da ampliação e do desenvolvimento de suas ideias, Freud foi modificando a compreensão sobre o sentimento de ternura. É possível inferir que, quando este sentimento está bem estabelecido na mente materna, a ternura seria plantada na relação da mãe com o bebê no início da vida.

Poderíamos sugerir que, para Freud (1923/2007a), com a consolidação da resolução do complexo de Édipo, passada a latência, o púbere poderá vir a reinvestir os objetos primários. Com gratidão, a ternura será devolvida através do processo de identificação. Faz-se necessária a escolha de outro objeto, cuja alteridade predomine. Penso que é possível dizer: a mãe ensina o filho a amar. E, para além do amor, estão implicadas a sexualidade e a ética. A ética, então, é entendida como a liberdade de reconhecer e de aceitar o outro diferente de mim, bem como poder respeitar o outro no convívio, de acordo com os preceitos morais internalizados.

Para ilustrar a falha provocada pela falta de cuidado materno, a título de metáfora, lembro-me do livro *O perfume* de Patrick Süskind (1985) – com adaptação cinematográfica em 2006. Ali se revela o desamparo cruel. Em Paris, no ano de 1738, nasce Grenouille. Ao nascer, sua mãe corta o cordão com a mesma faca com

⁴ N.R.: “(...) da ternura dominante, há uma corrente contrária, mas inconsciente, de hostilidade (...)”. (Freud, 1913/1989f, Tradução de Jayme Salomão).

Regina Pereira Klarmann

que limpa os peixes e, em seguida, deixa o bebê cair na sarjeta, à mercê do cheiro e lixo do mercado. Sua mãe é condenada à morte e ele, sobrevivente, cresce em meio à peste e à sujeira, passando por diversos lares miseráveis.

Grenouille desenvolve um olfato apuradíssimo. Por outro lado, é desprovido de cheiro próprio. Ao invés de falar, cheira, como um cão. Não há palavras que possam alcançar seu desamparo sensorial. O personagem tem obsessão por capturar todas as essências do mundo, em uma busca incessante pelos cheiros que lhe foram sonogados, o que explica tamanha destrutividade. O personagem suspeita vir do corpo de mulheres mortas – como sua mãe – o mais exótico perfume do cheiro de sangue, evocando a beleza mórbida exalada pelos cadáveres de suas vítimas. Procura extrair de seus corpos uma essência tão íntima que todo ritual parece um ato de amor. Talvez busque o amparo materno perdido precocemente ou pretenda extrair a ternura que lhe foi negada. É provável que tais falhas tenham contribuído como causa para os seus crimes.

Os sentimentos sensuais com os objetos primários recalçados podem ser transformados em sentimentos ternos, conforme referido acima. Porém, pensamos que, talvez, o efeito do recalque na mãe é poder reconhecer a alteridade do bebê e, aí, investir de acordo com as necessidades dele, de um modo terno, sublimado. Freud (1932/1989j) reconhece a falta de compreensão do funcionamento da sublimação. O autor propõe que o sentimento terno tem sua origem nas fontes da necessidade sexual e, invariavelmente, renuncia à sua satisfação. Essa mudança acontece após uma parada no desenvolvimento, na latência, rumo à realização da satisfação. Desse modo, efetua-se um durável investimento objetal ao estabelecer uma permanente tendência ao sentimento de ternura.

Alguns autores (Laplanche, Pontalis, Green, Garcia-Roza) descrevem esse mecanismo: uma espécie de adoçamento, uma decantação por onde aparece a satisfação e rompe com a ligação do sexual ou, ainda, um escape da ação do recalque. Tal satisfação reaparece em algo que possui valor social, ou então na ética.

Mijolla-Mellor (2011) salienta a relação entre a sublimação e a ternura formada na latência. Nesse período, conforme a autora, a finalidade sexual não busca mais se realizar, pois, através de metáforas, consegue a satisfação. A sexualidade está sempre subjacente às relações entre pais e filhos. Pensa a autora que o amor familiar sublimado em ternura se constitui, como o amor em geral, com o reconhecimento da alteridade do outro.

Paim Filho (2014) sugere que a ternura seja um elo entre os dois destinos da pulsão – recalque e sublimação. Esse modo de pensar reforça a ideia de que os dois mecanismos estão implicados na ternura. A sublimação é que transforma os objetivos da descarga pulsional impedida em atividades socialmente aceitas.

Dessa forma, nas relações de objeto, os sentimentos de ternura predominam sobre a erotização edipiana.

Assim, passo a compreender a ternura como o sentimento sobre o qual se apoia o estabelecimento da ética. As reflexões neste estudo me fazem supor que a ternura, quando bem estabelecida no sujeito, capacita-o a ter a noção de alteridade e de liberdade de escolha. Tais possibilidades, quando se associam com a capacidade de pensar, resultam no alcance de uma ética mais sintonizada afetivamente com o outro.

Portanto, Freud (1930/1989i) refere-se à ética como a esperança de que os homens, em suas relações, pudessem conter a própria destrutividade. Propõe que o amor perde o valor se o seu objeto não for discriminado do Eu. Importante recordar que, para Freud, tal destrutividade é o maior obstáculo para estabelecer a ética:

O Supra-Eu cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas, aquelas que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. As pessoas, em todos os tempos, deram o maior valor à ética, como se esperassem que ela produzisse resultados especialmente importantes. De fato, ela trata de um assunto que pode ser facilmente identificado como sendo o ponto mais doloroso de toda civilização... Como já sabemos, o problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo à civilização – isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua. (p. 167)

Na citação acima, Freud apresenta a sua compreensão da ética. Por outro lado, revela a dificuldade de diferenciar objetivamente os termos moral e ética. Introduce a questão da responsabilidade da ética pelo Supra-Eu. Se o Supra-Eu está implicado com o Eu, pois é formado a partir desse último, não poderíamos relacionar a ligação entre moral/ética, Supra-Eu e Eu? Se as identificações primárias são a origem do Supra-Eu, não estariam também aí enlaçadas? Além disso, há uma ligação quando afirmamos que, tendo a moral internalizada, o latente poderá, com ternura e alteridade, possuir sentimentos éticos na puberdade. Talvez essa seja uma possibilidade para compreendermos, aproximando ao invés de diferenciar completamente os dois termos, em uma relação de complementariedade.

Freud (1930/1989i) propõe uma alternativa em busca da ética: a ideia de uma mudança no espírito científico, para que as relações entre os homens sejam mais saudáveis. Portanto, faz sentido *A negativa* (Freud, 1925/2007c), pois “a função psíquica de emitir juízos nos enseja (...) uma visão aprofundada de como uma função intelectual surge a partir do jogo de forças dos impulsos pulsionais

Regina Pereira Klarmann

primários. Emitir juízos é um desenvolvimento posterior que não se pauta mais pelo princípio do prazer” (p. 150). É possível, portanto, ponderar que, quando a moral está estabelecida, aliada à ternura e à alteridade, a ética também poderá vir a ser estabelecida. E, assim, através do pensar, será possível distinguir, por exemplo, as diferenças entre o que é Eu e o que é o outro.

Trançando os conceitos

É chegada a hora de responder, organizar e trançar algumas ideias que lancei neste percurso do pensamento freudiano. Podemos pensar na diferença entre moral e ética?

Recordo que alguns autores destacam a dificuldade em precisar os termos moral e ética, bem como as suas diferenças e semelhanças, em função de problemas na tradução do grego e do latim. Levando em conta este problema, parece-me que houve pouca precisão na utilização dos termos por Freud. Ainda assim, não há dúvidas de que a moral e a ética estão implicadas uma na outra. Entretanto, penso em outra possibilidade: Freud parece ter assinalado diferenças nas atribuições de cada uma no desenvolvimento psíquico humano. A moral seria um dos diques da latência, uma das forças do recalque (1905/1989c); seria introjetada pelo Supra-Eu através das identificações primárias e posteriores.

Já em relação à ética, Freud (1939/1989l) assinala a necessidade de delimitar os direitos recíprocos entre os indivíduos e transmitir ideais aos homens. Tais ideais teriam a sua origem no sentimento de culpa. Aqui vejo uma aproximação dos termos. Enquanto a moral é um dos diques da latência, concebida *através* e *com* o recalque – isto é, a lei interna –, Freud (1939/1989l) relaciona a ética com a delimitação dos direitos recíprocos entre os indivíduos. Logo, a ética é a complementariedade, com limites imprecisos, da moral em sua extensão social. A moral estaria mais afeita à relação com a lei interna, enquanto a ética estaria ligada à relação com o outro. Portanto, ambas se relacionam, pois o externo ético é alcançado com o interno, a moral.

Suponho que um dos pontos de contato entre a ética e a moral é o sentimento de culpa; afinal, nas manifestações agressivas ou destrutivas, tanto a moral quanto a ética podem gerar culpa. Entretanto, a culpa pela constatação da responsabilidade por nossos atos é diferente daquela que aparece pela obediência à moral. Talvez, aqui, possamos pensar na culpa persecutória e na depressiva conforme o pensamento kleiniano.

É importante lembrar, contudo, que o Supra-Eu forma-se a partir do Eu;

então, aqui, pode estar outro enlace entre a moral e a ética. Enquanto a moral é o núcleo do Supra-Eu, minha hipótese é que o Eu seja responsável pela ética, na medida em que o Eu realiza a mediação com o mundo externo, que, conforme expus acima, foi estabelecida pelo Ideal do Eu.

Por isso, é possível pensar que, ao descrever o desenvolvimento humano, na sequência da resolução edípica e da latência, já estamos introduzindo elementos que farão parte da ética, a qual começa a ser construída desde o colo materno. É como se o poente da moral encaminhasse para o despertar da ética.

Considerando essas questões, penso na possibilidade de que tanto a moral quanto a ética superpostas, e até concomitantes, possam atravessar juntas as etapas do desenvolvimento. Assim, a moral seria *fundada*, simultaneamente, ao desenvolvimento da ética, sendo que esta seria *assentada* utilizando as fundações da primeira. Ou seja, a criança introjeta os valores morais de seus pais através da transmissão das proibições e da educação, ambas aliadas à ameaça da perda do amor dos pais, como substituto do temor à castração.

Além disso, para a ética se consolidar, seria necessário ter a moral introjetada, aliada à ternura, no que poderíamos considerar uma *moral terna*. Porém, lembro que Freud (1939/1989I) afirma, no final de sua obra, que o objetivo da ética é capacitar o indivíduo a dominar seu complexo de Édipo e desviar-lhe a libido de suas ligações infantis, conduzindo-o para as ligações sociais. Assim, entendo que, diante dessa aquisição, o Eu está habilitado a exercer a sua função de mediador das demandas do sujeito com seu universo desejante e sua destrutividade com os ideais da cultura, fazendo a lei simbólica trabalhar – negociar sim; renunciar plenamente, jamais.

Analisando este percurso, uma possibilidade que surge é a compreensão do complexo de Édipo como um divisor de águas. A partir do ponto de vista dos conceitos sobre o desenvolvimento do modelo terno, o caminho a ser percorrido é iniciado com a mãe. Quando tem um cuidado terno e a alteridade constituída, ela dá ao seu bebê um modelo de identificação capaz de sustentar o desenvolvimento sadio, bem como permite uma relação emocional de dependência de seu bebê consigo própria.

É possível pensar que a criança terá oportunidade de experimentar, de forma mais ou menos plena, todas as fases do desenvolvimento, até a chegada ao complexo de Édipo, período em que há uma mudança. O complexo de Édipo impõe-se como o acontecimento principal da primeira infância e encerra com a interdição incestuosa. Antecede o período da latência, momento em que a energia sexual, até agora proibida, será empregada, em sua maior parte, para outras finalidades.

Regina Pereira Klarmann

Através da sublimação, a criança identifica-se com aquela que, nos primórdios de sua vida, substitui parte do sensual pela ternura.

Sublinho que a moral e a ética estão entrelaçadas na construção do sujeito. Concluo, portanto, que a moral está mais relacionada à latência, enquanto a ética liga-se à puberdade. Minha opinião é que – embora a fundação seja simultânea – *a aproximação da finalização* da estruturação e do estabelecimento dos sentimentos morais e éticos ocorre em tempos próximos, em parte concomitantes. Deprendo das ideias de Freud que o medo da perda de amor dos pais é o preâmbulo para o sepultamento do complexo de Édipo, tendo como fruto a moral solidificada. Porém, acredito que, a partir da resolução do Édipo, a ética pode vir a se constituir na forma mais acabada possível. Penso que a manifestação da sublimação, iniciada na latência, possibilita os sentimentos éticos precursores, mas é na puberdade que a escolha de um novo objeto inaugura as transformações da vida sexual adulta. O sentimento de ternura é o saldo resultante da etapa anterior, algo que o púbere carregará consigo, um saldo que contribuirá para o estabelecimento dos comportamentos éticos.

A organização sexual ocorre na puberdade, conforme ocorrem as transformações (Freud, 1940/1989m). Portanto, é neste período que se dá a manifestação da corrente da ternura que estivera, em parte, oculta pelas antigas aspirações sexuais das pulsões parciais infantis. As escolhas de objeto, com a noção da alteridade, agora têm a configuração definitiva da vida sexual adulta, levando à renúncia dos objetos infantis e ao recomeço de uma corrente sensual. A vida sexual natural é certificada pela convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sensual.

Assim, o sentimento de ternura seria o resultado do recalque da conflitiva edípica que, em outra etapa, sublimada, possibilita a alteridade e colabora com o estabelecimento da ética. A ética coteja a relação do bebê e de sua mãe, tendo como modelo o cuidado terno. É possível pensar que a ética tem sua construção *finalizada*, preponderantemente, através desta identificação, podendo ainda ser estabelecida pela sublimação da sexualidade.

No período em que o Supra-Eu, herdeiro do complexo de Édipo se estabelece, surge no Eu uma mescla de identificações materna e paterna, em proporções variáveis, que se depara com o Ideal do Eu ou do Supra-Eu. Através de formações reativas, o Supra-Eu fará advertências ao Eu, a serviço do processo do recalque, como os preceitos morais – com seu caráter imperativo: serás assim como eu e não serás assim como eu.

Ao entender que o “desamparo inicial primordial humano é a fonte primária para todos os motivos morais” (Freud, 1950 [1895]/1989a, p. 431), penso na trama

entre a moral e a ética. Entre investimentos, satisfações e insatisfações, o bebê vai se constituindo. A princípio sem perceber a existência do outro ou repudiando o estranho, ele percorre um caminho que passa pelo narcisismo primário. As vivências de frustrações e satisfações externas promovem, progressivamente, a percepção do outro. Dessa maneira, as experiências vão potencializando as etapas do desenvolvimento, possibilitando o prazer de diferentes formas, mas predominando ainda o desejo de ter o objeto só para si. As ameaças vindas do mundo externo e o perigo de perdas significativas são os fatores que provocam a necessidade de abrir mão do objeto de amor sexual exclusivo. Não existe alteridade se não houver saída do mundo narcísico pulsional e sem o predomínio dos sentimentos amorosos. Diante desse cenário, proponho que a efetivação dos sentimentos morais e éticos seja determinada pela interação da função parental: a mãe planta, e o pai executa a colheita.

A moral está relacionada ao regulamento, à lei. Esta lei encontra-se baseada na vivência da ameaça de castração ou da ameaça de que qualquer infração resultará na perda do amor do objeto e, como consequência, acabará em infelicidade. A moral consolidada no Supra-Eu exerce a censura na forma de consciência. Kant afirma que a moral é a possibilidade de se opor ao desejo (Lacan, 1986/2008). É o triunfo da razão sobre o desejo. A psicanálise sugere uma relação entre a sexualidade e os enunciados de fundamentos da cultura. É neste cruzamento que se formam os valores do ser humano, e é onde o psicanalista atua.

Retorno agora à destrutividade, ao conflito pulsão de vida *versus* pulsão de morte, destrutividade *versus* moral e ética, hostilidade *versus* ternura. A moral estabelece a renúncia e, pressionada pelo medo da perda do amor dos pais e da castração, desenvolve o Supra-Eu. O recalque, por sua vez, atua na tentativa de conter a destrutividade. Paradoxalmente, a destrutividade está na base para o sujeito constituir-se e, quando ele não está amparado por um objeto com cuidado terno, não consegue formar o recalque necessário. Tal situação poderá levar à destrutividade capaz de aparecer sob diversas formas, inclusive de corrupção. Ou, ainda, na forma de um Supra-Eu hiper rigoroso.

Esse é o *mal-estar* que Freud (1930/1989i) percebe, pois é precária a estabilidade que o homem necessita para manter-se em uma civilização. Se, por um lado, a civilização tem o desígnio de protegê-lo, por outro, paradoxalmente, ela pode destruí-lo. Uma postura ética na práxis de preceitos morais transforma-se na esperança da contenção da destrutividade entre os homens.

Então, após este *passageio* por definições, diferenças e aproximações entre moral e ética, talvez seja possível sugerir que a moral está relacionada, de maneira prevalente, ao recalque; a ética, por sua vez, está ligada à sublimação. A moral é da

Regina Pereira Klarmann

ordem do primitivo, do sancionador. Em sua forma final, é introjetada na latência, possibilitando o desenvolvimento do pensamento judicativo. Já a ética está pronta para ser revelada na puberdade, através da sublimação que atuou desde a latência, conduzida pelos sentimentos de ternura. A ética está relacionada aos outros e conduz à consideração pelo outro, possuindo o sentimento terno em seu âmago. A alteridade faz parte da ética, percebendo o reconhecimento do outro diferente de mim. Porém, esse outro também está dentro de mim. Esse outro que é diferente e que provoca ódio, tanto fora como dentro de mim, pode levar à destrutividade.

Considerações finais

A realização deste trabalho oportunizou-me refletir sobre algumas questões concernentes à ética e à moral. Primeiro, reforçou a minha suposição de que há imprecisões na conceituação de moral e ética tanto na cultura quanto na psicanálise.

Em Freud, pude observar que as noções da moral e da ética se tramam desde o início da vida do ser humano. Podemos compreender que a lei interna é do caráter humano; contudo, conforme afirma o autor, este caráter será atuado no social, na relação com o outro, na convivência. Acredito que a psicanálise trouxe a possibilidade de entender esse outro. A alteridade é este perceber também o outro que vive em mim, estando implicada na estruturação do inconsciente. Dependemos o tempo todo do outro para que o desamparo não predomine e o ódio não vença. Por isso, temos medo da perda do amor do outro, e é assim que se dá a construção do psíquico. Constituímo-nos no desamparo; impacta-nos o outro, embrião da alteridade. Porém, odiamos essa intrusão e amamos para não perder. Este é o ódio que nos ajuda na afirmação de quem somos. A alteridade é o que nos identifica, anunciando a nossa solidão, e está implicada na ética.

Ainda que a conceituação de moral e ética fique imprecisa na obra de Freud, considero que ele fez sutis diferenças entre os dois termos. Talvez se possa dizer que Freud assinalou o ponto de encontro entre ética e moral, bem como as suas distintas funções. Sobre esse ponto, destaco um trecho do *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2007a):

A religião, a moral e a empatia social – conteúdos principais do que é mais elevado e sublime no homem – eram originalmente uma só e mesma coisa. De acordo com a hipótese que apresentei em *Totem e tabu*, foram adquiridas filogeneticamente a partir do complexo paterno. A religião e as restrições impostas pelos costumes e pelas regras morais referem-se ao próprio processo

de enfrentamento e superação do complexo de Édipo, enquanto a empatia social decorre da necessidade de superar a rivalidade remanescente entre jovens membros da nova geração. (p. 47)

Parece possível pensar que, ao se referir à religião e à moralidade, Freud esteja falando da origem da moral e, quando menciona o senso social, esteja se referindo à ética, relacionada à rivalidade entre os iguais.

Freud (1928/1989h) afirmava que muitos criminosos praticam um delito para receber a punição e, assim, aliviar um sentimento de culpa profundamente inconsciente, não é verdade?

Quando nós, psicanalistas, estudamos nossa prática, aprendemos que não devemos ser moralistas com nosso paciente, e sim éticos. É possível pontuar esse paradoxo? A possibilidade é compreender que a *moral* é da ordem da culpa, do recalque, sendo proveniente da regra, da norma. A ética vem do conjunto do mundo interno; além da moral, que é importante para estabelecer a ética, esta contém a aceitação da alteridade e permite, ou melhor, exige a liberdade.

Penso que a ternura é o sentimento responsável por sustentar a ética, pois não basta ter a moral estabelecida para também ter a ética. A ternura é que dará o toque afetivo para o surgimento da ética. Além disso, penso que a ética constituiu-se no lastro sobre o qual deveriam se deitar os preceitos morais, em uma relação dialética e complementar entre moral e ética visando a constituição do sujeito.

Porém, o grande contraponto é que a destrutividade também possibilita o desenvolvimento do pensar e de ajuizar nossos atos, o que distingue o humano. O *não* é um símbolo da pulsão de morte que, segundo Freud (1925/2007c), leva ao pensar. Esse *não* está implicado na negativa, eis que, ao negar ao desejo a sua realização, incita o trabalho do processo primário – condensar e deslocar – para a sua realização, via a identidade de pensamento. Recordemos o que Freud afirma (1900/1989b): “o pensamento, afinal não passa do substituto de um desejo alucinatório” (p. 517).

Em suma, podemos dizer que a moral é da ordem do narcísico: primitiva, questionadora, repressiva, julgadora, quer saber o porquê quando levada ao absoluto. A ideia de ética se funda transitória, interna e externa, e, além de ser complexa e subjetiva, exige o conhecimento de si. Apresenta tolerância, aguarda e nem sempre responde. Suporta um não saber. Exige liberdade e alteridade. Demanda o cuidado consigo e a ternura.

É possível alcançar a ética? Nem sempre. Penso que, amiúde, existe uma postura ética que, algumas vezes, *escorre* para a moral. E, embora a moral esteja

Regina Pereira Klarmann

presente na ética, por vezes pode opor-se a ela, na medida em que impõe, exige, acusa e culpa.

Essa pode ser uma das questões que ocasiona as dúvidas sobre a diferença entre os conceitos de moral e de ética, revelando as disputas que podem destruir a vida. A ideia de Freud na questão da dualidade do caráter humano impõe aceitar o caráter destrutivo existente em cada um de nós; aceitar o estranho que habita em cada um e que é o meu, o teu e o nosso humano; aceitar a morte e o perder. Nem sempre é possível. Parece que nos chocamos diariamente, porque nos surpreendemos acerca de nós mesmos. Seria o espelho um reflexo desse avesso que tanto procuramos disfarçar? Nem sempre, quando realizamos uma ação, temos condições de saber e prever suas consequências.

Kehl (2009) refere a existência de mudança na cultura, pois há autorização ambígua da delinquência implícita nos códigos morais contemporâneos em que a castração se confunde com a privação e, com isso, a frustração não é tolerada. O primitivo humano segue existindo da mesma forma que sempre existiu; porém, na contemporaneidade, a perversão deixa de ser latente. Isso faz mudar os códigos morais, mas muda a ética?

Acredito que a psicanálise também seja responsável pelas mudanças culturais da pós-modernidade. A descoberta do inconsciente e a importância da sexualidade favoreceram uma remoção do recalque, mas por uma má interpretação das teorias freudianas. Hoje, muitos de nossos pacientes não são os “neuróticos” de Freud, característica da cultura atual que é fugaz e volátil. Se o recalque é removido, se não há o *não* como referido acima, há carência no pensar. O conhecimento da existência do inconsciente permite-nos compreender que a destrutividade pode vir disfarçada de várias formas; contudo, ela não é eliminada.

Destaco a violência que assistimos diariamente. Somos espectadores, mas também atores da cultura que banaliza o mal (Arendt, 2004), do vazio que ocupa os espaços das mentes, do valor do *ter* sobrepujando o *ser*, e, agindo assim, incentivamos a política da mentira. O desejo é da ordem do fazer e do ter. Há uma valorização desmedida do poder econômico, que ignora a necessidade e provoca o desamparo. Aqueles que roubam e matam estão denunciando uma falta da moral, da regra? Ou se trataria da falta da ternura? Neste caso, ultrapassaria a questão moral. Denunciaria a carência da alteridade, do cuidado, da liberdade e da ética.

Não há sublimação peremptória das violências, lembra o filósofo e poeta Kovadloff (2005). A pulsão de morte é inescotável, gerando mais destrutividade. A civilização não dá conta de conter a agressão. A renúncia da pulsão, o recalque, foi sugerido por Freud como uma expectativa e uma esperança, uma forma de

tentar mediar os conflitos. A guerra, porém, continua. A moral não consegue segurar o transbordamento das pulsões. Um exemplo seria o desejo de ter através da corrupção, como se ter fosse o tornar-se, ser. A ética passa ao largo. Esse é um mal da contemporaneidade; é uma forma de agressividade, de renunciar à lei e ao contrato social.

Enquanto a hostilidade predominar sobre a ternura, a ética não se consagra. E, sem ética, a própria moralidade poderá se tornar destrutiva, por excesso ou falta.

A psicanálise pode ajudar ao propor aberturas nos estados de desamparo, ao compreender, ao remeter regressivamente à dor de outrora. O adulto abastecerá o bebê de palavras, imagens e notícias de si, conforme Freud anuncia. Eu complemento: abastecer com ternura. Lembrando novamente o filme *O perfume*: o seu personagem principal seguiu a vida sem poder sonhar e, enquanto feria as suas vítimas, imitava aquela que cortou sua possibilidade de sentir o perfume da ternura. Ele buscava encontrar, no olfato, a sua essência. Não formou a capacidade de julgar. Não houve espaço para a construção do pensar, nem do sonhar. Tudo ali revelava a evacuação do desespero.

Ao refletir sobre nossa clínica analítica, enquanto um dos métodos de que podemos dispor para o essencial conhecimento do nosso Eu, do nosso avesso, pergunto: ela tem sido suficientemente ética com suas técnicas? Ou algumas vezes confundimos ética com moral? Muitas vezes, nos índices remissivos da obra de Freud, uma palavra indica também a outra. Será que não podemos questionar o significado de algumas palavras? Talvez tenhamos que pensar na psicanálise com ternura. Enternecer não é “ceder de seu desejo” (Lacan, 1986/2008, p. 375), mas é, através do olhar para si mesmo, do espelho, encontrar um jeito de permitir que o reflexo possa ser introjetado e ali desabroche a sua verdade.

Termino essas considerações com Kovadloff (2005), que nos remete para Cortázar, afirmando que devemos viver nos combatendo. “Se não é possível derrotar a guerra de uma vez, podemos, ao menos, renovar sempre a nossa decisão de lutar contra ela, impedir que a sua vitória sobre nós seja definitiva” (p. 9). Assim, o nosso combate não termina, pois as possibilidades de dar novos significados são infinitas. A ternura pode ser um sentimento que cria pontes com o outro. Talvez ela busque estabelecer com o outro o mesmo cuidado e o mesmo olhar terno daquela que o alimentava, cuidava e acalentava quando criança, e que, sem saber, lançava ali os fundamentos da moral e da ética. □

Regina Pereira Klarmann

Abstract

Tenderness: the interlacing of moral and ethics

The paper reviews Freud's work to understand the constitution of moral and ethics in the human psyche. It broadly examines concepts such as narcissism, destructiveness and otherness, which are part of the formation of the moral and ethical process. It highlights the feeling of tenderness, a Freudian concept, in the intertwining and complementarity of moral and ethics.

Keywords: Moral; Ethics; Tenderness; Psychoanalysis; Freud

Resumen

La ternura: el entrelazamiento de la moral y la ética

El artículo revisa el trabajo de Freud para comprender la constitución de la moral y la ética en la psique humana. En términos generales, examina conceptos como el narcisismo, la destructividad y la otredad, que son parte de la formación del proceso moral y ético. Destaca y desarrolla algunos aspectos del sentimiento de ternura, concepto freudiano, tanto en el entrelazamiento como en la complementariedad de la moral y la ética.

Palabras clave: Moral; Ética; Ternura; Psicoanálisis; Freud

Referências

- Arendt, H. (2004). *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barros Filho, C. (2013). *Introdução à ética*. Videoaula na Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: Eca.
- Freud, S. (1979). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II). In *Obras completas* (Vol. 11, pp. 169-183). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1989a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (1989b). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 323-613). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (1989c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1989d). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 185-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1989e). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 147-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1989f). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13-194). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1989g). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1989h). Dostoiévski e o parricídio. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 203-223). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1989i). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1989j). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 103-138). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1989k). Por que a guerra? In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 237-245). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1989l). Moises e monoteísmo: três ensaios. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 13-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (1989m). Esboço de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 165-237). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (2004). À guisa da introdução ao narcisismo. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Hanns, L. A. (Vol. 1, pp. 85-125). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2007a). O Eu e o Id. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 3, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2007b). O problema econômico do masoquismo. In *Obras psicológicas de Sigmund*

Regina Pereira Klarmann

- Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente.* (Vol. 3, pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2007c). A negativa. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 145-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2008). Tótem y tabú y otras obras. In *Obras completas* (Vol.13, pp. 1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1913)
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte.* São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo.* Porto Alegre: Artmed.
- Hanns, L. (2004). *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Imago.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hyppolite, J. (1998). Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 879-901). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kehl, M.R. (2009). *Sobre a ética e psicanálise.* São Paulo: Companhia das Letras.
- Kovadloff, S. (2005). A construção do presente: feições filosóficas do conceito de trauma. In *44º Congresso Internacional de Psicanálise, Conferência de abertura.* Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (2008). *A ética da psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1986).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1976). *Vocabulário da psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). El tiempo y el otro. In *La prioridad del otro en psicoanálisis* (pp. 107-133). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2015). Pulsão e instinto. In *Sexual* (pp. 27-43). Porto Alegre: Dublinense.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições.* Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla-Mellor, S. (2011). A maternidade é uma forma de sublimação? *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, (35), 127-136.
- Paim Filho, I. A. (2014). *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte.* Porto Alegre: Movimento.
- Süskind, P. (1985). *O perfume: a história de um assassino.* Rio de Janeiro: Record, 2012.

Recebido em 30/07/20

Aceito em 23/11/20

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Regina Pereira Klarmann

Rua João Abott, 333/401
90430-130 – Porto Alegre – RS – Brasil
reklarmann@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA